

06-05-2021

SIGLÊS

Chiwan Medeiros Leite

[Bacharel em Comunicação Social]

Ao contrário do javanês que, no início do século XX, só tinha um brasileiro que falava - o Dr. Castelo -, personagem de Lima Barreto em seu conto “*O homem que sabia javanês*”, no início do século XXI, o siglês é uma das línguas mais faladas no Brasil. Ocorre que o siglês possui inúmeras variantes e cada uma dessas vários troncos linguísticos. O siglês intelectual, utilizado em discursos acadêmicos, pomposos e bem “apessoados”, é tido como o siglês culto, mesmo que os falantes dessa modalidade não se entendam em suas ramificações nos ricos dialetos derivados. O siglês jornalístico, falado em opiniões e notícias da grande imprensa, apesar de tentar aproximar os diversos dialetos sigleses vigentes no país, acaba por reproduzir o siglês culto e desprezar o siglês popular, por razões óbvias de proximidade com o poder determinante do idioma que finge que todo poder emana do povo. O siglês popular, hoje muito utilizado em redes sociais possui inúmeros troncos, com predominância dos dialetos de grupos específicos e de tribos hostis a membros a elas não pertencentes. Sem dominar o siglês é difícil um brasileiro “normal” conseguir se comunicar hoje no país. Hoje, no Brasil, o número de brasileiros que não falam siglês é desconhecido, até porque o Censo do IBGE foi suspenso pelo governo bolsonaro, mas é tido na casa das dezenas de milhões. No caso do siglês intelectual, com seus vários troncos todos eruditos, é importante ressaltar que ele é completamente incompreensível para o brasileiro “normal”, “médio”, de nível infra-superior, ou seja, inferior, na escala hierárquica da graduação acadêmica, e, principalmente, para os habitantes das periferias, tanto urbanas quanto predominantemente rurais. Um exemplo emblemático é que o dialeto dos intelectuais que defendem os direitos humanos são incompreensíveis para os que falam o siglojuridiquês, o sigloeconomês, o siglopolitiquês e o siglobolsonarês. Para sermos coerentes com a volta à idade das trevas, que estamos vivendo hoje no Brasil, o siglês é a versão moderna da Torre de Babel.

Já que vivemos um pós-dilúvio, em que falar a mesma língua já não aproxima mais os homens da humanidade e da solidariedade, Deus está tomando providências com os dialetos sigleses. Os usuários dos inúmeros dialetos sigleses, por não se compreenderem entre si, acabam por ser protagonistas de um fim linguístico em si mesmo(s).

Siglês, como se sabe, é uma língua inventada para simplificar. Há muito tempo atrás que nem é muito, mas também não se sabe se é pouco, inventaram-se as siglas. A intenção pode até ter sido boa, pois os tempos novos de correr atrás daquilo que não se sabe porque tem que se ter tanta pressa, levaram as pessoas a começar a usar ... siglas. Assim, por exemplo, para dizer Eu Te Amo, alguém inventou a sigla ETA. Talvez, na origem, houvesse uma necessidade de guardar segredo, algum amor proibido, ou alguma timidez que se fosse ultrapassada pudesse ser tomada como ofensa, ou mesmo a economia de papel e tinta, provavelmente a causa mais provável, além da “falta de tempo” já citada. Ocorre que ETA pode ser Escola de Tiro da Armada. Atualmente, no Brasil, em que o orçamento das Forças Armadas cresce exponencialmente, enquanto o da Saúde, Educação, Habitação, Transporte, Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente desabam vergonhosamente a sigla ETA, dependendo de quem fala é temerária. Fascistas que veem comunistas embaixo da cama e em todos os que discordam de suas ideias devem estar pensando: *Em breve ETA. Estarão Todos Assassinados*. Outros, como personagens bolsonaristas da ala anti-meio ambiente, podem usar e usam descaradamente o ETA - Ecologia é Tara de Ambientalista. Já se vê por aí que sigla serve para vários dialetos e nunca se sabe o que está por trás delas, mesmo que elas sejam já consagradas. Na pandemia, ETA pode ser um retrato da irresponsabilidade e do fascínio pela morte com o uso da cloroquina (ETA: Excelência na Terapia Alopurada). O antigo ETA que provavelmente inaugurou a sigla com o grupo separatista basco, cujo significado é Euskadi Ta Askatasuna (Pátria Basca e Liberdade), no siglês brasileiro é uma sigla desconhecida. Os dialetos sigleses também coincidem em algumas situações. Por exemplo, quando você precisa falar com um advogado e ele não atende, a mensagem é clara: ETA (Encontro Tribunal Ajuizando). Se for aquele médico que nunca pode atender: ETA (Estou Tendo Atendimento). O professor que não fala com o aluno: ETA (Estou Tratando Avaliação). O amigo que nunca te atende quando você precisa: ETA (Estou Transando Agora). O político em que você votou: ETA (Esperando Terminar Agenda). E os fascistas bolsonaristas quando você responde às fake-news, eles retrucam: ETA (Estou Tiro ao Alvo); ETA (Estou Tomando Annita); ETA (Estou Tendo Alucinações); ETA (Eu Te Arrebento); ETA (Enterro Tua Arrogância); ETA (Explodo Tua Aldeia) Como se vê, o siglês é língua profícu...
 ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.